

A JUSTIÇA NA HISTÓRIA

Josaphat Marinho

Na história dos povos, é frequente a consagração dos vitoriosos e a crítica ou o desprezo aos vencidos. Os vencedores têm meios de conquistar aplausos. Às vezes, nem precisam de esforço para tanto, a solidariedade brota com o simples anúncio da vitória. O poder é contagiante, salvo quando, por inoperância ou cansaço, desanima os próprios serviços. Fora daí, o que se vê é a marcha célere derredor do andor, mesmo sem crença, que o interesse a substitui. Enquanto isso, o vencido segue seu caminho, com os crentes verdadeiros e a confiança nas idéias. A reparação pode tardar, mas quase sempre chega, moralmente reconfortante.

É o que se observa, no momento, em torno de Mikhail Gorbachev. Tendo perdido o poder na Rússia comunista, foi relegado ao desapeço, ali e por líderes de outros países. Pouco se considerava sua lúcida decisão de introduzir os procedimentos democráticos no regime soviético e de concorrer para pacificar os espíritos no mundo. A imagem do estadista que se aproximava do povo era obscurecida pela propaganda do novo governo despótico e sem rumo. Não convinha que se projetasse a individualidade civilizada e de equilíbrio. Impunham-se, antes, os descompassos visíveis da incerteza. Eis que as comemorações dos dez anos de destruição do Muro de Berlim, com relevo internacional, situam outra vez Gorbachev no plano superior.

Reunidos em Berlim ex-governantes que colaboraram para o fato histórico, realça-se a valiosa contribuição do líder russo. O ex-presidente Bush, exprimindo-se corretamente, declarou: "Nós jamais conseguiremos pagar a dívida que temos para com Mikhail Gorbachev". Não faria tal confis-

são o ex-presidente americano, se não tivesse profunda consciência da verdade manifestada. Não é comum a político americano reconhecimento dessa natureza. A evidência, porém, emerge da memória histórica.

Retratou-a, entre nós, com exatidão, o jornalista Antônio

Carlos Pereira (*O Estado de São Paulo*, 9/11/99), no artigo sob o título "Um mundo mudado". Lembrando a perestroika, que liberou muitas "tensões", e a decisão do Kremlin de concordar com a "abertura da fronteira ocidental da República Democrática" e com a formação de um "governo

de coalisão" na Alemanha, assinala a visão ampla de Gorbachev. E salienta, com justiça, que "as causas da paz e da liberdade devem mais a Gorbachev do que seus atuais paladinos gostam de reconhecer".

É bom que a verdade na história possa caracterizar-se assim, em circunstâncias de relevo e sem artificios. Destituído de força, o líder russo não tem como pleitear nem manipular revelações em seu favor. Comparece hoje em Berlim como cidadão, e se sua imagem repercute é pelo que fez com inteligência e desprendimento, com irrecusável espírito público.

Coincidentemente, comemoram-se no Brasil, nestes dias, os 150 anos de nascimento de Rui Barbosa. Muitos fizeram por esquecê-lo. Outros tentaram reduzir a influência de suas idéias e de suas ações na vida nacional. Houve os que, sem lhe conhecerem a obra, o acusavam de conservador superado. E ainda há os que não gostariam de ver seu pensamento largamente exposto, para não reforçar os princípios de direito, liberdade, igualdade, justiça, tão fortes em sua obra e tão presentes em nosso tempo. Todas as idéias do grande doutrinador, não obstante essas reações, estão vindo a lume, e restabelecendo a verdade.

As circunstâncias históricas concorrem para o ato de justiça, espancando despeitos e artificios. É o que salva os povos da imortalidade de falsos ídolos, ou de perseverarem na admiração de miragens, que se desfazem instantaneamente e não conduzem a destino certo.

■ Josaphat Marinho, ex-senador, professor emérito da UnB e da Universidade Federal da Bahia, é diretor da Faculdade de Direito da Ufis

